

# O USO DAS CONSTRUÇÕES *VAI VER* E *VAI QUE* NO DISCURSO

Maria Aparecida da Silva Andrade (IFESP)<sup>1</sup>  
aparecida.silvand@hotmail.com

## Introdução

O uso das construções *vai ver* e *vai que* no discurso é um fato corrente no português brasileiro. Observando textos escritos como propagandas, gênero literário ficcional e outros publicados em jornais *on line*, despertou-nos a atenção o uso dessas construções em contextos que denotam uma posição subjetiva do falante frente ao que observa e analisa. Na construção *vai ver*, por exemplo, os verbos, juntos, em determinados contextos, denotam sentidos diferentes do original, pois, enquanto itens lexicais, eles codificam deslocamento espacial e visão respectivamente. Nesse âmbito percebe-se claramente a perda do sentido original tanto do verbo *ir*, enquanto indicador de deslocamento espacial, bem como do verbo *ver*, cujo sentido fundante refere-se a olhar ou mirar.

Essas construções, já cristalizadas na língua, do ponto de vista sintático, assumem, nos contextos que analisaremos aqui, funções gramaticais, idênticas às exercidas por operadores argumentativos e, no que se refere ao aspecto semântico, nos contextos analisados, as construções *vai que* e *vai ver* indicam possibilidade e probabilidade respectivamente. Assim, pretendemos investigar quais motivações orientam os falantes a usar essas construções para desempenharem funções gramaticais e ao mesmo tempo imprimir a atitude do indivíduo acerca do que diz.

Embora alguns compêndios gramaticais já reconheçam o verbo *ir* como um auxiliar indicador de futuro, quando acompanhado de outro verbo no infinitivo, porém o uso de construções como as que elegemos para este trabalho, apesar de não representarem nenhuma novidade no uso da língua, não conhecemos nenhuma referência a respeito desses usos nos manuais gramaticais. Acreditamos que isso se deva à perpetuação da visão tradicional de gramática no estudo dos fatos linguísticos, privilegiando a variante culta da língua como modelo a ser seguido. Ocorrências como a do verbo *ir* em construções atestam o caráter maleável e dinâmico da gramática, cujas estruturas linguísticas se adaptam para atender novas demandas comunicativas de seus usuários.

A fundamentação teórica que embasa este trabalho se insere no quadro da abordagem centrada no uso, cujas contribuições analíticas advêm de duas correntes linguísticas: a Linguística Funcional norte-americana contemporânea e a Linguística Cognitiva. A primeira concebe a língua como uma estrutura maleável, sujeita a pressões provenientes de diferentes situações comunicativas as quais contribuem para determinar a estrutura gramatical.

Destacamos dessa corrente linguística o paradigma da gramaticalização que, numa acepção mais clássica, concebe que categorias lexicais podem se desenvolver para categorias gramaticais. É o que acreditamos que ocorra com as construções *vai que* e *vai ver* em que, no primeiro caso, o verbo *ir*, no presente, acompanhado do item *que*, perde características enquanto item lexical passando a assumir uma função gramatical. Identicamente ocorre com o segundo caso, tanto o verbo *ir* como o verbo *ver*, na construção, perdem suas características individuais enquanto item lexical. Nos dois exemplos, as construções assumem funções sintáticas identicamente às desempenhadas

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy-IFESP

por operadores argumentativos, pois as construções em estudo introduzem orações que codificam argumentos do falante.

A segunda vertente linguística, a Linguística Cognitiva, compreende a gramática como representação cognitiva das experiências humanas com a linguagem. É um sistema “baseado no uso” estabelecido nos falantes e no discurso. Dessa corrente, selecionamos a Gramática de Construções que analisa a integração entre estruturas linguísticas e processos cognitivos, e na acepção de Goldberg (1995, 2006), construção designa um pareamento entre forma e significado por existir uma correspondência simbólica entre ambos. Outro ponto importante destacado por essa abordagem é que “estruturas conceptuais podem ser universais, mas as construções são específicas de línguas particulares” (TRAUGOTT, 2009). Quanto à manifestação da argumentatividade por parte do falante, buscamos respaldo em Koch (2006) para quem toda gramática possui mecanismos que materializam a orientação argumentativa do falante. Portanto, fundamentados por essas correntes teóricas, descreveremos e analisaremos as ocorrências linguísticas em estudo, fazendo uma interface entre sintaxe, semântica e pragmática a partir das funções que essas construções assumem no discurso.

## **1 A abordagem centrada no uso**

A abordagem centrada no uso é uma perspectiva de análise cujo foco de interesse são os fatos linguísticos reais, considerando os aspectos envolvidos na realização das ocorrências linguísticas: sintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos. Para isso congrega duas áreas que se complementam: o funcionalismo norte americano contemporâneo e o cognitivismo linguístico. Nessa ótica, concebe-se que a estrutura que a língua codifica é resultante, por um lado, da relação que o usuário estabelece entre o conteúdo cognitivo a ser codificado e a gramática dessa língua.

Sob esse ponto de vista, nenhuma estrutura linguística deve ser analisada sem considerar o contexto linguístico de produção no qual se deu o uso. E a partir desse enfoque poder examinar os fatos linguísticos considerando-se as funções sintáticas, semânticas e pragmáticas desses usos no discurso. Portanto a escolha de estruturas linguísticas não é feita aleatoriamente, elas codificam conteúdos que o usuário deseja transmitir em uma dada interação verbal, seja ela escrita ou falada. Outro aspecto a ser levado em consideração é a rotinização, ou seja, quanto maior for a frequência de uso de uma determinada estrutura, maior será a probabilidade de fixar-se na gramática.

Segundo Bybee (2011), o surgimento de estruturas linguísticas a partir do uso é o princípio fundamental da teoria baseada no uso. Deste modo, a ocorrência com maior frequência dos mesmos sons, palavras e padrões contribui para a armazenagem cognitiva e o processamento da experiência linguística. É o que acreditamos que ocorra com as construções *vai ver* e *vai que*, pois a frequência com que o verbo ir é usado na língua associado a outras palavras como verbos e itens gramaticais concorre para a fixação dessas estruturas linguísticas e a ampliação de contextos de uso.

Ainda de acordo com Bybee, a teoria baseada no uso leva em consideração os efeitos da frequência de uso, o padrão das estruturas linguísticas no contexto discursivo, e as inferências pragmáticas que acompanham a linguagem utilizada na interação.

## 2A gramaticalização de construções

Na esteira dos estudos sobre gramaticalização de construções orientamo-nos aqui por estudiosos como Traugott (2009), para quem as “construções (bem como itens lexicais) são ambos vistos como ponto de partida e resultado de gramaticalização; Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) asseveram que “é toda a construção, e não simplesmente o significado lexical da raiz que é o precursor e, portanto, a fonte do significado gramatical”; Hopper e Traugott (2003) defendem que “a mudança por meio da qual itens lexicais e construções surgem em certos contextos linguísticos para atender funções gramaticais e, uma vez gramaticalizadas, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

Portanto podemos dizer que o verbo *ir*, em construções, é um exemplo que se enquadra perfeitamente nessa compreensão, pois segue uma trajetória unidirecional na qual, em um primeiro momento, mantém características enquanto item lexical de deslocamento espacial, em um segundo momento o uso passa a ter uma conotação temporal futura e em um terceiro momento, o uso da construção já não tem nenhuma intenção de codificar tempo futuro, passa a denotar uma atitude do falante, manifestando probabilidade como em: **“o trecho mais explosivo dela chegou truncado aos seus destinatários. Vai ver quem digitou o e-mail pulou o trecho.”**

Assim verifica-se que a mudança sintática, semântica como pragmática na construção *vai ver*, nos exemplos apresentados acima, é resultado dos contextos em que a construção é empregada, concorrendo assim para a gramaticalização.

Segundo Bybee (2010), a perspectiva, proporcionada pelos estudos de gramaticalização, é de uma gramática sempre em evolução através do processo natural da língua em uso > visão de língua como parte da nossa experiência perceptual, neuromotora e cognitiva geral. É o que ocorre com as construções que estudamos neste trabalho: o verbo *ir* cujo sentido fundante é de deslocamento espacial, com projeção do corpo para frente, é empregado metaforicamente para designar conceitos abstratos como o tempo futuro, por exemplo, e nas construções em estudo, percebemos um posicionamento por parte do interlocutor de forma projetiva, de uma possibilidade do vir a ser.

No que concerne a respeito de concepção de gramática, compreendemos, fundamentados na visão funcionalista, que se trata de um sistema formado por um conjunto de regularidades decorrentes, sobretudo, de pressões de uso, cuja estrutura está num processo contínuo de variação, adaptação e regularização. Assim, a gramática apresenta uma maleabilidade nas formações, quer através do uso, do discurso ou das interações, e isso recebe influência de princípios de ordem cognitiva e comunicativa que possibilitam ao falante processar a informação relacionando-a com o que já tem na memória. Portanto, a gramática é o resultado da regularização ou rotinização de estratégias discursivas recorrentes. (GIVÓN, 1979 e 2001).

Na concepção de Givón (1979), a linguagem humana evoluiu do modo pragmático para o modo sintático, assim, a gramática tem a sua origem no discurso, entendido como um conjunto de estratégias criativas empregadas pelo falante para organizar funcionalmente o seu texto tendo em vista um determinado ouvinte e uma determinada situação comunicativa. Assim, a forma em que se apresenta a morfossintaxe deve-se em razão das estratégias discursivas recorrentes.

Outro ponto que consideramos importante no estudo da gramática e que se tornou um consenso entre as duas correntes linguísticas é a importância da analogia no processo de gramaticalização de construções. Para Hopper e Traugott, a analogia é um pré-requisito da gramaticalização e como evidência para sua ocorrência. Segundo

Kemmer (1995) e Israel (1996) as estruturas do conhecimento linguístico são fundamentalmente analógicas. Hoffmann (2004) e Noël (2007) privilegiam o papel da analogia na gramaticalização de uma perspectiva da gramática de construção.

Ao tratarmos da gramaticalização de construções queremos aqui abrir um parêntese para o trabalho que desenvolvemos no mestrado por título O processo de gramaticalização do verbo *ir* (SILVA, 2000), no qual tratamos a respeito desse verbo como indicador de futuro quando acompanhado de outro verbo no infinitivo, e desenvolvemos a discussão afirmando que houve a gramaticalização do item lexical que se tornou gramatical, ao acumular também a função de verbo auxiliar indicador de futuro.

Atualmente, com a contribuição dos estudos sobre gramática de construções, diríamos que não foi o item lexical que se gramaticalizou visto que esse verbo ainda guarda seu status de verbo referencial, indicador de movimento espacial, mas foi a construção formada pelo verbo *ir*, no presente acompanhado de outro verbo no infinitivo que se gramaticalizou, ou seja, é a construção *ir + infinitivo* que expressa o futuro.

Assim, de acordo com Bybee, nem toda mudança semântica envolve perda de significado.

Os atos de comunicação nunca são totalmente explícitos e requerem um uso elevado de inferência - casos em que o ouvinte entende mais do que lhe é expresso. Ou seja, um enunciado implícita certas coisas e o ouvinte compreende estas informações por inferência. Na mudança pela inferência pragmática, os sentidos que estão frequentemente implícitos em uma construção dentro de um contexto de acompanhamento pode ser convencionalizada como parte do sentido da expressão. Os frequentes contextos de uso para *be going to* bem como *I am going to deliver this letter* (Eu vou entregar esta carta) implicam a intenção e como resultado intencional a ação tornou-se uma parte importante do sentido da expressão *be going to*. (BYBEE, 2010 )

As construções *vai ver* e *vai que* são exemplos que ilustram o caráter dinâmico e maleável da gramática mostrando-nos que não existe apenas uma única forma possível de codificarmos a experiência. Portanto a primeira construção, a depender do contexto, tanto pode codificar sentido concreto de deslocar-se para presenciar algo como também a mesma construção, dependendo do contexto discursivo, poderá ser empregada para designar conceitos mais abstratos como o de probabilidade, por exemplo.

A gramática normativa peca ao mostrar ao aluno apenas um conjunto limitado de usos geralmente aqueles mais prestigiados pela variedade culta padrão, mas percebemos que muitos dos usuários que demonstram conhecimento das regras da língua padrão culta, também fazem uso das construções em estudo, embora reconhecidos como usos tipicamente da modalidade oral, porém verificamos esses usos na escrita também, e nem por isso os usuários deixam de se comunicar, de expressarem seu ponto de vista, não são estigmatizados, criticados ou mesmo corrigidos quando fazem uso dessas construções, pois esses usos já estão inseridos na cultura por meio da rotinização.

### 3 Aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos das construções *vai ver* e *vai que* no discurso.

#### 3.1 Funções da construção *vai ver*

Em determinados contextos, podemos perceber que a construção *vai ver*, pode desempenhar funções que seguem uma trajetória, partindo de situações mais concretas até chegar às mais abstratas, quando torna-se gramatical, assim podemos verificar os deslizamentos semânticos e pragmáticos, pelos quais passou essa construção.

1. ... Federico Fellini CHE BÁRBARO. Destino certo para quem quiser uma boa carne. Não se assuste se estiver cheio: vá para as mesinhas ao ar livre, nos fundos, e peça umas empanadas ... livre, nos fundos, e peça umas empanadas TUTTO FELLINI. Poupe o dinheiro do ingresso do novo Woody Allen e **vá ver**, de graça, a mostra de Fellini, este sim autor do registro ...

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/sa.../1116225-os-cinco-eleitos.shtml>. Acesso em 28 de agosto de 2012.

No exemplo acima se percebe que a construção foi empregada com sentido referencial de deslocamento e visão respectivamente, além disso compõem o núcleo do sintagma verbal, configurando, portanto, um uso mais concreto.

Já no exemplo, a seguir, pode-se perceber o uso dessa construção com sentido que aponta para um deslocamento ao mesmo tempo projetando para um futuro com intenção de comprovar algo por meio da visão. Verifica-se também que, do ponto de vista sintático, a construção compõe o sintagma verbal equivalendo à forma sintética do verbo *verá*.

2. "Outro exemplo que eu te dou: se você andar nas ruas dos Estados Unidos, é tudo limpo, ninguém joga lixo na rua. Se jogar o lixo na rua, será multado. Se você entra no cinema, **vai ver** que é a coisa mais suja do mundo, já que alguém vai limpar aquilo. Eles têm consciência? Não. Eles fazem (manter as ruas limpas) porque são punidos.

Disponível em: <http://www.jb.com.br/busca/?q=vai+que>. Acesso em 25 de maio de 2012

No fragmento a seguir, a construção *vai ver* já assinala o desbotamento semântico ocorrido com os dois verbos, pois perderam o sentido referencial de deslocamento e visão.

3. ... bolo, por conta de um malparado móvel de cozinha (ainda a minha interminável reforma). Maria vai com as outras que sou (pois é, gramínea bambusácea em um parágrafo, florzinha ... agora mesmo em Santos e eu resolvi ceder ao apelo e fazer minha cozinha inteira dessa cor. **Vai ver**, nasci para bonequinha de luxo e também quero minha caixinha da loja de joias ...

Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/sa...012798-e-o-panda-com-isso.shtml>. Acesso em 18 de maio 2012.

Observa-se no exemplo acima que a construção *vai ver*, do ponto de vista sintático, exerce função idêntica a de um operador argumentativo, nesse caso, *talvez*, estabelecendo uma relação entre a oração anterior e a seguinte, e, semanticamente, manifesta probabilidade, ou seja, o interlocutor constrói um argumento hipotético. Do ponto de vista pragmático, poder-se-ia dizer que o usuário, por meio de uma construção

hipotética, procura justificar sua atitude em ter escolhido uma determinada cor que não fosse do agrado aos olhares de outras pessoas, e assim, esse discurso pode representar uma estratégia de preservação da face do interlocutor prevendo alguma avaliação negativa.

4. E mesmo que fosse um craque fora do comum, o América estaria certo em não admitir interferências de empresários na montagem do elenco. Logicamente, todos nós sabemos, isso é muito comum nos dias de hoje. Os clubes são reféns. Vejo também que começam a publicar que o destino pode ser o ABC. **Vai ver** é por isso que de repente Eraldo virou um craque do maior gabarito. Hoje, se o ABC assoviar todo mundo aplaude. **Vai ver** é por isso também que Juninho já foi ventilado no ABC, deve estar na cláusula contratual de Eraldo.

Disponível em: [http://www.correiodatarde.com.br/colunistas/dionisio\\_outeda-56246](http://www.correiodatarde.com.br/colunistas/dionisio_outeda-56246). Acesso em 18 de maio de 2012.

Situação idêntica ocorre com o exemplo 4, a construção também integra argumentos hipotéticos apresentados pelo interlocutor acerca do que observa diante dos fatos apresentados. Porém consideramos que há uma diferença de ordem pragmática, pois nesse exemplo o falante não procura proteger-se de uma possível avaliação negativa de sua colocação, antes seu interesse reside em querer dar a conhecer sobre suas deduções e, nesse contexto, o faz ironicamente. Observa-se nesse exemplo caracterizado por uma sequência argumentativa, o interlocutor intervém manifestando-se subjetivamente diante do que opina.

5. E de todos os medos que tinha/ o medo mais que medonho/ era o medo do tal do lobo./Um lobo que nunca se via,/que morava lá pra longe,/do outro lado da montanha, /num buraco da Alemanha,/cheio de teia de aranha,/numa terra tão estranha, /que **vai ver** que o tal do lobo/nem existia. (BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho Amarelo*.)

No exemplo 5, fragmento de uma obra da literatura ficcional infantil, percebemos que na sequência narrativa aparece um trecho argumentativo, representativo da manifestação do narrador diante do fato narrado, ou seja, da manifestação hipotética da inexistência do lobo. Essa construção também pode atuar como um argumento conclusivo diante do contexto apresentado pela sequência narrativa codificada por um contexto adverso a um estado de coisas.

Percebe-se, nessas ocorrências com a construção **vai ver**, o deslizamento de sentido, seguindo uma trajetória que inicialmente apresenta-se mais concreto, referencial, depois esse sentido apresenta uma nuance abstrata de tempo no verbo ir acumulando o sentido referencial com o verbo ver. Em outro momento, a construção perde totalmente a identidade referencial passando a assumir uma função gramatical. Vale observar também que embora as orações nas quais as construções se fazem presentes traduzam sentidos hipotéticos, e cuja codificação na perspectiva tradicional deveria se apresentar no modo subjuntivo, verifica-se que nessas orações o uso do presente na construção **vai ver** não mantém nenhuma relação temporal com o momento da fala, o próprio contexto discursivo permite-nos perceber que se trata de fatos prováveis.

### 3.2 Funções da construção *vai que*

A construção *vai que*, nos exemplos a seguir, também é um exemplo cujo uso, em determinados contextos, distancia-se do sentido referencial, passando a assumir uma função gramatical.

6. Outros 16 diretores, americanos, disputaram a vaga, mas o brasileiro foi o escolhido. "A indústria cinematográfica é um grande cassino ou uma bolsa de valores. Eles estão apostando muito dinheiro ou investindo em ações em baixa. **Vai que** no futuro eu me transforme em um diretor mundialmente conhecido."

Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/ArteAgenda/?Noticia=411910>. Acesso em 19 de maio de 2012.

7. ... Brasil com EUA e Europa? Rodolfo Lucena: A economia brasileira é um décimo da norte-americana, mas, ... atletas com dilatadores nasais. A eficácia desses dilatadores não está comprovada, mas o pessoal usa: **vá que** funcione, uma diferença de um segundo pode ser a diferença....

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fo...io/noticias/ult263u490562.shtml>. Acesso em 18 de maio de 2012.

8 "Falar de seguro é complicado viu, é um assunto que ninguém gosta, mas não tem como evitar, porque você pode estar saindo da sua garagem apertada **vai que**... Ou você está andando na sua rua numa boa **vai que**... Ou sei lá, você chega em casa de viagem, abre a porta e **vai que**... Ou até mesmo dormindo, naquele soninho gostosinho, **vai que**... Agora, a verdade é que pode acontecer até num churrasco. Você está ali no fogo e... Por isso faça um seguro da Bradesco Seguros porque afinal, **vai que**, né, você sabe... Disponível em: <http://heliojenne.blogspot.com/2010/07/bradesco-seguros-e-melhor-ter-vai-que.html>. Acesso em 13 de agosto de 2012

Nos três exemplos acima observamos como a construção **vai que** funciona também sintaticamente como um operador argumentativo que introduz um argumento hipotético e em relação à oração que a antecede, essa construção introduz, semanticamente, a noção de probabilidade, manifestada pelo interlocutor que diante do que está expresso na oração que antecede, argumenta fazendo uma conjuntura positiva ou negativa dependendo do contexto instanciado.

Essas construções nesses contextos representam projeções feitas pelo falante e acreditamos que o emprego do verbo *ir* nesses casos ocorre por haver uma identidade semântica, ou seja, uma relação de projeção abstrata a partir de um elemento concreto, no caso o deslocamento espacial que metaforicamente é empregado para se referir a projeções feitas pelo enunciador, ou seja, essa relação é cognitivamente motivada, pois o indivíduo toma como referência a própria experiência, nesse caso, ele observa que *ir*, por representar referencialmente um deslocar-se para frente, o indivíduo o associa analogicamente a uma projeção abstrata de futuro.

Observa-se que nas construções acima **vai que** manifesta uma atitude subjetiva por parte do interlocutor e ao mesmo tempo a oração em que se encontra a construção representa um argumento codificado em uma suposta condição para que o interlocutor possa mudar seu comportamento aderindo à opinião de quem enuncia.

Merece destacar aqui também é o uso dessas construções para codificar a argumentatividade do interlocutor, que, a depender da situação, poderá representar hipóteses, projeções. Quanto à manifestação da argumentatividade, Koch (2006, p.29)

assevera que a interação pela linguagem ocorre por meio de objetivos definidos os quais se pretende verem alcançados e, segundo essa linguista,

há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais). É por isso que se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa. Ora, toda língua possui, em sua Gramática, mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados: a argumentatividade está inscrita na própria língua.

Portanto, independentemente da sequência textual que configure o texto, seja narrativo, explicativo ou argumentativo, ou mesmo o gênero discursivo no qual se apresente a construção, conforme os exemplos analisados, a argumentatividade pode manifestar-se por meio de estruturas linguísticas que manifestem a intenção e a visão do falante, e as construções *vai ver* e *vai que* são exemplos disso.

### **Considerações Finais**

O emprego das construções *vai ver* e *vai que* no discurso codificando sentidos diferentes do original são exemplares que corroboram o caráter maleável e adaptativo da gramática. Essas construções, dependendo do contexto, podem desempenhar diferentes funções: morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas.

Observamos diante do estudo realizado que essas duas construções já se gramaticalizaram no português brasileiro, visto que são empregadas assumindo funções gramaticais. Essas ocorrências se verificam tanto no texto oral como também no texto escrito haja vista a presença da construção *vai ver* no gênero textual literário ficcional e *vai que* no gênero textual propaganda. Construções como as identificadas neste trabalho são exemplares que denotam a dinamicidade da língua, bem como a criatividade do usuário ao usar uma variedade de estruturas linguísticas que melhor codifiquem os seus usos partindo do que já está disponível no sistema.

Vale destacar também que a língua é um objeto cultural convencional e isso deveria ser levado em conta no ensino de língua portuguesa, de forma a oportunizar aos alunos estudar a língua em pleno funcionamento. Mas para que isso efetivamente aconteça, é necessário que o docente se conscientize de que, para estudar os fatos linguísticos, se faz necessário tomar o texto como unidade de ensino, ou seja, é no texto que podemos analisar as estruturas linguísticas efetivamente empregadas, por ser resultado de uma construção de sentidos, ou seja, as escolhas linguísticas codificadas morfossintaticamente refletem aspectos semânticos, discursivos e pragmáticos.

Não cabe mais a velha prática de memorização de regras a serem reproduzidas em intermináveis exercícios que entediam nossos alunos, porque sabem exatamente que raramente as usarão. É necessário que esses docentes se conscientizem de que para promover mudanças quanto ao trabalho com a língua que se aproxime mais do uso real, é necessário que busque constantemente, preparar-se lendo periódicos da área, participando de eventos acadêmicos, entre outras alternativas que o possibilitem desenvolver melhor as competências e habilidades dos seus alunos quanto ao uso efetivo do idioma

## Referências

- BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho Amarelo*. 30. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- BYBEE, Joan L. Usage-based theory and grammaticalization In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: OUP, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- \_\_\_\_\_. Where do constructions come from? Synchrony and diachrony in a usage-based theory. In: BYBEE, Joan. *Language, usage, and cognition*. Cambridge, United Kingdom/ UK: University Press Cambridge/ CUP, 2010.
- \_\_\_\_\_. Chunking and degrees of autonomy. In: \_\_\_\_\_. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.
- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: Tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago; London: University of Chicago Press, 1994.
- GIVÓN, Talmy. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions*. A constructional grammar approach to argument structure. The University of Chicago Press: London, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford University Press, 2006.
- HOFFMANN, S. Are low-frequency complex preposition grammaticalized? On the limits of corpus data-and the importance of intuition. In: LINDQUIST, H. and MAIR, C. (eds). *Corpus approaches to grammaticalization in English*. Amsterdam: Benjamins, 2004.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ISRAEL, M. The way constructions grow. In: GOLDBERG, Adel (ed). *Conceptual structure, discourse and language*. Stanford: CSLI, 1996.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- NÖEL, Dirk. *Grammaticalization and Construction Grammar*. John Benjamins Publishing Company, 2007.
- SILVA, M. A. *O processo de gramaticalização do verbo ir*. Dissertação de mestrado. UFRN: Natal, 2000.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. (org). *História do Português Paulista*. Série Estudos, Vol. 1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009.